

Israel prevê revide contra Irã, mas tenta evitar guerra



Manifestante segura retrato do aiatolá Ali Khamenei e bandeira da Palestina durante ato pró-regime em Teerã. Foto: Reuters/AFP

Israel confirma revide contra Irã, mas busca evitar guerra regional

Escalada de ataques fez comunidade internacional se pronunciar para tentar impedir agravamento no conflito

SÃO PAULO O gabinete de guerra de Israel discutiu nesta segunda-feira (15) uma série de opções para retaliar o Irã após o ataque sem precedentes com mísseis e drones do último sábado (13). Autoridades de Tel Aviv, porém, manifestaram preocupação em não ampliar a guerra na região, segundo a imprensa local. O Canal 12, mencionando um relatório do governo ao qual teriam tido acesso, disse que a intenção é fazer ações coordenadas com os EUA, sem desencadear outra guerra regional, mas passando a mensagem de que um ataque dessa magnitude não vai ficar sem reação. O governo americano, porém, tem afirmado que não se juntaria a Israel em qualquer ataque direto ao Irã. Não foram divulgados detalhes sobre quais ações estão sendo avaliadas pelas autoridades israelenses. O chefe de Estado-Maior de Israel, general Herzl Halevi, disse que Tel

Aviv irá retaliar. Já Daniel Hagar, porta-voz das forças israelenses, limitou-se a dizer que a resposta acontecerá "na ocasião e no horário certos". Ele visitou uma base militar no sul do país que foi alvo da artilharia iraniana e divulgou um vídeo de uma cratera em um terreno desértico no local —os militares relataram que a instalação sofreu apenas danos leves. "Faremos tudo o que for necessário", disse Hagar em referência à proteção do Estado de Israel. Teerã lançou o ataque em resposta ao bombardeio à embaixada iraniana em Damasco, na Síria, que matou membros da Guarda Revolucionária do Irã, em 1º de abril. Nesta segunda, o porta-voz da diplomacia iraniana, Nasser Kanani, disse que líderes ocidentais deveriam "apreciar a moderação iraniana nos últimos meses" em vez de criticar o regime. Segundo analistas, o ataque de sábado também foi cal-

culado de maneira que não detonasse uma guerra regional. Já Hossein Amirabdollahian, chanceler do Irã, manifestou-se sobre a eventual retaliação israelense. Em linha com outras declarações já divulgadas pelo regime, ele reiterou que Teerã "responderá imediatamente e com mais força" em caso de novo ataque, mas enfatizou que o país pensa não quer aumentar tensões. O gabinete de guerra do governo de Israel já havia se reunido no domingo (14) para discutir as próximas ações, mas concluiu o encontro sem anunciar novas medidas. Enquanto as negociações se desenrolam, o premiê israelense, Benjamin Netanyahu, instou a comunidade internacional a "permanecer unida" contra o Irã e ao que chamou de "agressão que ameaça a paz mundial", segundo nota divulgada por seu gabinete. O primeiro ataque de Teerã contra Israel desde 1979, ano

Nota foi feita sem clareza da extensão do ataque, diz Vieira

O ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, afirmou nesta segunda-feira (15) que o posicionamento do governo brasileiro sobre os ataques do Irã contra Israel — criticado por entidades judaicas por não condenar diretamente Teerã — foi elaborado num momento em que ainda não estavam claros a extensão e o alcance da ofensiva. "Ela [nota do Itamaraty] foi feita à noite, às 23h, quando todo o movimento começou. E nós manifestamos o temor de que o assunto, o início da operação, pudesse contaminar outros países. Isso foi feito à noite, num momento em que não tínhamos claros a extensão e o alcance das medidas tomadas; e sempre fizemos um apelo para contenção e entendimento entre as partes", declarou Vieira em entrevista coletiva ao lado da chanceler da Argentina, Daria Mondino. Em comunicado divulgado na noite de sábado (13), o Itamaraty afirmou acompanhar com "grave preocupação" os "relatos de envio de drones e mísseis do Irã em direção a Israel". A nota também recomendava a cidadãos brasileiros que evitassem viajar para países do Oriente Médio.

em que a República Islâmica foi estabelecida no país, levou diversos líderes a se pronunciarem pedindo moderação. O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, enfatizou a necessidade de evitar um agravamento da crise em uma série de ligações com seus homólogos de Egito, Arábia Saudita, Jordânia, Turquia, Reino Unido e Alemanha, de acordo com declarações do Departamento de Estado. Já o chanceler britânico, David Cameron, chamou o ataque de "um fracasso total", embora "imprudente e perigoso". A ministra das Relações Exteriores da Alemanha, Annalena Baerbock, foi além quando questionada sobre um eventual direito de retaliação de Israel e disse que "o direito à autodefesa significa repelir um ataque". O presidente da França, Emmanuel Macron, também pediu que Israel evite uma escalada militar.
Washington nega ter recebido aviso prévio sobre ação de Teerã
Diogo Bercito
SÃO PAULO O ataque do Irã contra Israel não pegou de surpresa seus vizinhos no Oriente Médio. O país alertou ao menos a Turquia, a Jordânia e o Iraque antes de disparar centenas de drones e foguetes na noite de sábado (13).

John Kirby, porta-voz do Conselho de Segurança Nacional dos EUA, confirmou na segunda (15) que houve conversas entre Washington e Teerã. Disse, porém, que o Irã não comunicou aos americanos quando, como e onde iria agir. Afirmou ser "ridículo" o boato de que havia uma cooperação próxima entre os países. Ao que parece, o diálogo entre Washington e Irã ocorreu por canais indiretos. Países como Turquia, Qatar e Suíça teriam facilitado a troca de mensagens, comunicando ao menos a intenção do Irã de atacar Israel sem começar uma guerra, sem dar muitos detalhes. Essa crise remonta ao início de abril, quando o Irã acusou Israel de ter bombardeado seu consulado em Damasco. A acusação é grave, já que as representações diplomáticas são consideradas símbolos da soberania de um país. Foi também um momento inédito entre esses dois arqui-rivais que há mais de uma década recorrem a ataques indiretos e feitos às escondidas. Por isso houve tanta apreensão nos últimos dias, com o receio de que Irã e Israel passassem a responder um ao outro com ataques diretos, levando a um ciclo de violência. A preocupação era também a de que outros atores regionais se envolvessem, como as facções Hezbollah e Hamas. Segundo informações colhidas pela agência Reuters, o Irã alertou os países da região com antecedência suficiente para que eles pudessem se preparar. O chanceler iraniano, Hossein Amir Abdollahian disse que o aviso foi dado com 72 horas de antecipação. A afirmação foi confirmada com fontes diplomáticas de Turquia, Iraque e Jordânia. A decisão iraniana de dizer que avisou todo mundo pode ser uma maneira de deixar claro que não queria escalar o conflito. Isso também explicaria como quase todos os projetos foram interrompidos por uma aliança internacional envolvendo Israel, Estados Unidos, França e Jordânia, entre outros. Só houve dano a uma instalação militar israelense, e apenas uma pessoa ficou ferida. A repórter, porém, Kirby negou a veracidade da afirmação de que Teerã contava com a interceptação dos drones suicidas. O porta-voz do governo americano descreveu o ataque iraniano como "um fracasso constrangedor" e sugeriu que o Irã está procurando maneiras de mascarar seu fiasco. Agora cabe a Israel fazer a próxima jogada. O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu tem um evidente interesse político em escalar a situação. Ele enfrenta graves acusações de corrupção e, fora do poder, pode ser preso. Uma guerra com o Irã seria uma maneira de se perpetuar no cargo, uma vez que em momentos de crise a tendência é de unidade contra um inimigo comum.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo Caderno: A Página: 11